

# Editorial 38 – Os contrassensos do crescimento da “produção interna”

Por: Heitor Carvalho

Tabela/Gráfico 1 — PIB, Procura Externa e Procura interna de produtos internos em USD correntes

Principais indicadores macroeconómicos (PIB e Exportações em milhões de USD correntes)	1.º Sem. 2019	1.º Sem 2020	1.º Sem 2021	21/20	21/19
PIB	44 227	30 987	32 880	6,1%	-25,7%
Exportações	18 229	9 998	14 749	47,5%	-19,1%
Procura interna de produtos internos	25 998	20 989	18 131	-13,6%	-30,3%

Fonte: BNA

Sem considerar qualquer deflator, o PIB cresceu 6% relativamente ao 1.º Semestre de 2020, mas continua 26% abaixo do valor de 2019!

Subtraindo os dados do BNA<sup>1</sup> (PIB e Exportações) obtemos a procura interna de produtos<sup>2</sup> internos, ou seja, a despesa interna em produtos produzidos em Angola. A procura interna de produtos internos somada com a procura externa de produtos internos constitui a procura total de produtos internos, ou seja, o PIB.

Pela natureza do cálculo devíamos fazer uma correcção. As importações podem ser subtraídas à procura interna, obtendo-se a procura interna de produtos internos, ou à procura externa, obtendo-se as exportações líquidas. Na verdade, se quisermos analisar com mais rigor o comportamento destas componentes do PIB, deveremos deduzir parte das importações a cada uma delas, uma vez que existem produtos externos incorporados nos bens objecto de procura externa e interna. Porém, na ausência de dados completos, decidimos apresentar as exportações brutas.

De qualquer forma, as importações de “outros serviços a de negócios – sector petrolífero”, no 1.º Semestre de 2021, variam -47% e -34%, relativamente aos períodos homólogos de 2019 e 2020, respectivamente, de acordo com o BNA. Somando à procura interna os bens externos incorporados nas exportações apenas iria agravar a queda da procura interna de produtos internos.

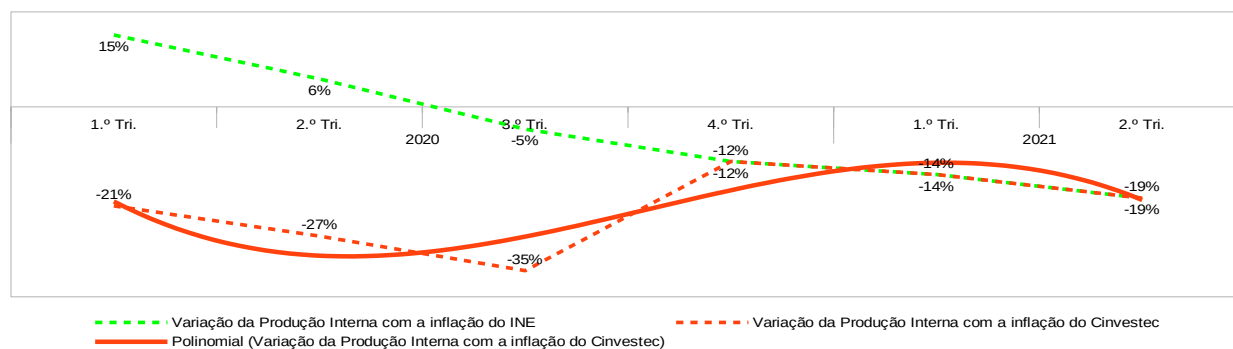
A procura interna de produtos internos representa, em condições de *deficit* de oferta, a capacidade de suprir as necessidades internas com produtos produzidos internamente. O nível de produção não depende de qualquer restrição da procura, antes representa a incapacidade de se produzir mais em condições competitivas.

O discurso político e as análises nos *media* popularizaram a expressão “produção interna” com este significado. Embora não seja rigorosa, a expressão vingou. Vamos, por isso, a partir de agora, usá-la, colocando-a, entre aspas para não se perder o rigor.

<sup>1</sup> Não sabemos quem calcula e como são calculados estes dados. Contudo, em geral, o BNA tem apresentado coerência nos dados que publica

<sup>2</sup> Usaremos sempre produtos e bens em sentido lato, incluindo serviços

**Tabela/Gráfico 2 — Crescimento homólogo da “produção interna” deflacionada da inflação interna (USD de 2015)**



Como pode observar-se no gráfico 2, usando a inflação do INE, a “produção interna” apresenta uma queda constante e contínua, completamente indiferente à variação da situação sanitária, o que é absolutamente inexplicável.

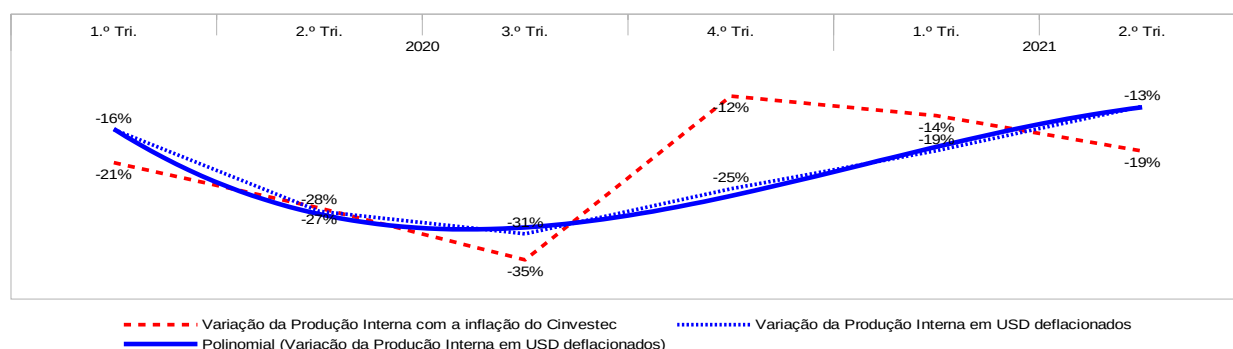
Usando o deflator corrigido pelo Cinvestec, nota-se uma influência decisiva da pandemia, com o agravamento da queda até ao 3.º Trimestre de 2020, mas uma sensível recuperação no 4.º Trimestre.

Terminado o efeito da correcção do deflator, os dois cálculos passam a ser, naturalmente, coincidentes.

O comportamento da “produção interna” agrava-se substancialmente em 2021, conduzindo a duas conclusões muito importantes e preocupantes: por um lado, a queda da produção é incongruente com o desconfinamento; por outro, a “produção interna” parece estar a mostrar uma incapacidade crescente de suprir a nossa procura!

Estas conclusões poderão resultar de um problema com o deflator, isto é, para tornar as coisas coerentes, a inflação deveria ser bastante menor do que a reportada pelo INE! Não sabemos que erros estão a ser cometidos no cálculo da inflação porque o INE não disponibiliza a informação completa, nomeadamente que preços está a usar (os ponderadores aparentemente são coerentes). Ora, o INE tem um historial recente de erros graves na recolha ou registo dos preços, que o levou a efectuar uma correcção drástica dos preços da sua amostra, em Janeiro de 2021! Em Abril eliminou a amostra nas suas publicações deixando-nos sem forma de continuar a aferir a sua correcção!

**Tabela/Gráfico 3 — Crescimento homólogo da “produção interna” deflacionada da inflação interna e da inflação mundial (USD de 2015)**



Se a apreciação do USD face ao Kwanzas correspondesse exactamente à relação entre a inflação interna e mundial, as linhas do gráfico n.º 3 seriam coincidentes, o que se verifica, com razoável aproximação, entre o 1.º e o 3.º Trimestres de 2020.

Nos 1.º e 2.º Trimestres é nítida a trajectória inversa das curvas devido à depreciação do USD num momento em que a inflação interna se agrava profundamente relativamente à inflação externa<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Note-se que o efeito da variação cambial ocorre quando se converte o valor da “produção interna” de Kwanzas para USD, cálculo que já vem incorporado nos dados.

Note-se que estas circunstâncias combinadas representam um aumento da taxa de câmbio real, um aumento do número de produtos internos necessários para corresponder a uma unidade de produto externo, isto é, uma perda de competitividade que pode ser muito perigosa! Como reagimos por impulsos, agora estamos a tentar baixar a inflação (que até pode estar mal calculada) a todo o custo, prejudicando gravemente a “produção interna”, ou seja, a inflação futura!

Observando o gráfico 3, a curva que representa a produção interna em USD deflacionados parece corresponder melhor às restrições sanitárias, mostrando uma tendência de recuperação para terreno positivo até ao final do ano. Não é lógico que com maior abertura se produza menos do que quando se estava confinado. Portanto, entre as várias curvas escolhemos a da produção em USD deflacionados; contudo, a discrepância entre os números introduz um forte grau de incerteza.

Ora, as políticas de correção dependem, evidentemente, da informação sobre a situação. Tomar medidas de política económica baseadas em informação incorrecta não pode dar bons resultados!

É, portanto, urgente que se faça um auditoria técnica independente ao INE e a quem calcula o PIB publicado pelo BNA!

Ou o PIB nominal está errado! Ou a inflação calculada pelo INE está errada! Ou os dados do PIB não-petrolífero do INE estão errados! Ou estão todos errados simultaneamente! Certo é que os dados não jogam!

Precisamos URGENTEMENTE de saber o que se passa!

Sem considerar qualquer deflator, a “produção interna” decresceu 14% relativamente a 2020 e 30% relativamente a 2019 (Tabela 1)! Portanto, usando como deflator a inflação interna (corrigida ou não), ou a inflação externa, ou não usando qualquer deflator, a capacidade interna para suprir a procura interna tem diminuído constante e drasticamente!

Acreditamos que esse declínio teve origem, primeiro, no choque brutal que foi a introdução simultânea do IVA e da taxa de câmbio flexível, em Outubro de 2019 e, depois, no confinamento, estando agora numa trajectória ascendente que atingirá terreno positivo no final do ano, porém num patamar muito abaixo da produção de 2019.

É pois urgente que se conheça com verdade qual a situação da produção e da inflação e que tomemos medidas urgentes para o rápido crescimento da primeira e a redução da segunda!

O CINVESTEC tem vindo a descrever, nos seus relatórios e intervenções, as medidas que pensa serem as adequadas à melhoria destas duas situações.

Luanda, 25 de Outubro de 2021